

Radiodocumentário Calçada Sonora¹

Andressa Elesbão
Eduardo Souza
Jaderson Policante
Leonardo Siqueira
Marcio Galan²
Thamiris Mottin

Mônica Kaseker³

RESUMO

A Rua XV de Novembro foi a primeira rua do país dedicada ao trânsito exclusivo de pedestres. A intervenção ocorreu na década de 1970 e contribuiu para a construção da identidade cultural de Curitiba. A proposta deste documentário é reproduzir a paisagem sonora do local, propiciando ao ouvinte a experiência de um passeio pelo calçadão, ativando sua imaginação. O trabalho se baseia no conceito de paisagem sonora de Murray Schafer (1979) e para a sua produção foram realizadas observações e gravações in loco.

Palavras-chave: radiodocumentário; calçadão; rua XV de Novembro; paisagem sonora.

1 INTRODUÇÃO

A história da Rua XV de Novembro em Curitiba está diretamente interligada à história da cidade. Em 1820, quando o naturalista francês Saint-Hilaire visitou Curitiba, a Rua das Flores, como era chamada na época, era uma das nove ruas da então comarca, que tinha com aproximadamente 220 casas. A nomenclatura atual surgiu com a onda republicana no país, já que alguns anos antes, em 1880, o Estado do Paraná recebeu a visita da família imperial, e na ocasião, a Câmara Municipal optou por homenagear a esposa do Imperador D. Pedro II, mudando o nome da Rua das Flores para Rua da Imperatriz (PINTO, 2015).

Em 1972, na gestão do prefeito Jaime Lerner, foi implantado o calçadão na Rua XV de Novembro a primeira do Brasil dedicado ao trânsito exclusivo de pedestres. O projeto foi inicialmente contestado, pois significava a interdição da via para automóveis em uma rua central da cidade. Em 1972, toneladas de pedras de *petit pavé* foram implantados, criando o famoso “Calçadão da Rua XV de Novembro”, como ficou conhecido posteriormente (PINTO, 2015).

Com o tempo, o espaço se tornou um ponto de encontro voltado ao lazer e a convivência social do curitibano, moldando o cenário e o espaço público de forma a contribuir com a identidade cultural da cidade. A Rua XV de Novembro se tornou uma espécie de ponto de encontro dos personagens mais característicos da cidade, muitos deles

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria JO-15 .

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: galanjr@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora de Radiojornalismo da PUCPR, e-mail: mkaseker@gmail.com

registrados pelo documentário *Calçada Sonora*, como a “Borboleta 13”, o músico “Plá”, os comerciantes, as pessoas que anunciam o preço popular de restaurantes durante o horário do almoço, os artistas de rua – dentre eles músicos, mas também artistas que trabalham com o silêncio, como é o caso do *Homem Estátua*, além das milhares de pessoas que passam pelo local todos os dias, algumas mais apressadas, e outras, com um pouco mais de tempo livre, como no caso dos senhores que costumam se reunir nas intermediações da *Boca Maldita*, que integra o calçada da Rua XV e foi fundada em 1956.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Retratar a paisagem sonora da Rua XV de Novembro em Curitiba.

2.2 Específicos:

- a) Reproduzir os sons notáveis no cotidiano do calçada da Rua XV de Novembro.
- b) Registrar sonoras de personagens e situações familiares ao pedestre que transita pelo calçada.
- c) Experimentar a eficácia do formato do radiodocumentário para esta proposta de documentação.

3 JUSTIFICATIVA

As paisagens sonoras em espaços urbanos estão em constante transformação, com o aumento da população, do trânsito de veículos motorizados e modificações viárias e nas edificações. Trata-se de um tema pouco explorado, cuja memória muitas vezes se perde, especialmente no que se refere às mudanças na experiência de quem circula por esses locais. As cidades cada vez mais ruidosas têm sido documentadas sonoramente pelo *World Soundscape Project*, proposto por Murray Shafer, no sentido de documentar paisagens sonoras e refletir sobre seu impacto na cultura e nos modos de vida em diversos pontos do mundo.

No Brasil, o radiodocumentário é um gênero pouco conhecido e considerado em extinção. No entanto, acredita-se que o documentário sonoro pode ser uma forma eficaz de contribuir para a construção da memória auditiva de um passeio a pé pelo calçada da Rua XV de Novembro e também para refletir sobre um dos locais que simbolizam Curitiba, como cidade de vanguarda na área do planejamento urbano e circulação viária.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1 Linguagem radiofônica

No rádio, não só a palavra tem expressão. O ruído e o silêncio, por exemplo, também estão carregados de significados. É o que Armand Balsebre afirma em seu livro, *A linguagem radiofônica*:

O som é definido como todo “ruído” elaborado ou classificado em uma cadeia significante. A partir desta sucessão ordenada, contínua e significativa de “ruídos” elaborados pelas pessoas, ou instrumentos musicais ou a natureza, e classificados segundo os repertórios/código os da linguagem radiofônica.⁴

Através desta vertente, o documentário *Calçada Sonora* busca através dos ruídos e do silêncio mostrar para os ouvintes o que acontece na rua XV de Novembro, em Curitiba.

4.2 Documentário radiofônico

De acordo com Bill Nichols, documentário é um gênero que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade. Mas dessa afirmação não se deve deduzir que ele represente a realidade tal como ela é. O documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjetiva da realidade. Para Bill Nichols, o público espera que os documentários transmitam, ao menos, a impressão de autenticidade. Em geral os cineastas ou documentaristas, se deparam com diversas formas de representar o mundo. “Vemos o mundo que compartilhamos com uma clareza e uma transparência que minimizam a importância de estilo ou da percepção do cineasta” (NICHOLS, 2008).

O radiojornalismo não é composto apenas por notícias de última hora ou reportagens. Os documentários também estão presentes no meio. Os documentários falados surgem no final da década 20, por influência dos feitos no cinema, já que os produtores percebem que o formato poderia tornar o rádio mais atraente para o telespectador.

Segundo Carmen Lúcia José, em seu artigo “História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências”, o gênero do documentário se diferencia do gênero da reportagem na medida em que o primeiro amplifica a abordagem, trabalhando com o tema, além dos fatos:

O documentário, como o gênero que complexificou a reportagem, dota o fato de generalidade, transformando-o em tema; a documentação da notícia é multiplicada, porque não se reduz aos componentes do lead, e cada documentação pode se tornar um aspecto do tema; portanto, são vários recortes tratados para compor uma generalidade sobre o tema. Cada aspecto não é simplesmente apresentado como parte de um relato que deve corresponder ao fato, torná-lo verossímil; cada aspecto deve ser tratado como constituinte da generalidade, ou seja, ser a confirmação ou a negação validada pela construção do discurso. Assim, no documentário, os vários aspectos podem ou não ser fragmentos da realidade mas não precisam aparecer como tal; são apresentados, isto sim, como constatações devidamente sustentada por seus argumentos ou pela força afetiva do relato.⁵

Os radiodocumentários podem ser classificados por tema ou pela narrativa. Com relação ao tema, se dividem em: documentários jornalísticos, históricos, culturais e de abordagem filosófica ou psicológica. A respeito da narrativa, podem subdividir-se em: observacional, conduzido pelo narrador ou repórter e autoral. Este gênero se caracteriza por pelo aspecto não-ficcional e pelos trabalhos de profundidade. Os produtos devem reconstruir ou analisar um fato com visão crítica, além de apresentar diferentes argumentos e descrições sobre o tema trabalhado.

⁴ BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. 1994, p. 328.

⁵ JOSÉ, Carmem Lúcia. História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências. 2003, p. 99.

4.3 Jornalismo hipermediático

O conceito de jornalismo hipermediático poderia ser traduzido com a produção de conteúdo jornalístico para vários formatos. No caso do rádio, seria, além da produção de reportagens em áudio, a publicação desse conteúdo em outras mídias também, como, por exemplo, um site de texto e fotos. Porém, o áudio continua sendo o principal formato do rádio.

Em seu livro, *Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all new brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*, Debora Cristina Lopes, defende que com o jornalismo hipermediático o profissional deve se adaptar a produzir conteúdo para diversas mídias.

A cada dia esta tendência se consolida, aliada, com a entrada das emissoras de rádio na internet, à produção de conteúdo em texto para complementar e/ou apresentar as informações que compõe o áudio. Inicia-se com este processo a exigência por um jornalista multimídia para a produção radiofônica, que pense as especificidades do rádio, mas que compreenda o novo ambiente em que este veículo se insere e a necessidade que ele tem de se apresentar como multiplataforma e hipermediático.⁶

No caso do documentário *Calçadão Sonoro*, além das nossas gravações em áudio com entrevistas e o uso do som ambiente, produzimos um blog, que nos serviu como uma espécie de *making off*. Também chamado de *Calçadão Sonoro*, postamos imagens acompanhadas de pequenos textos e vídeos com relação a nossa produção.

4.4 Paisagem sonora

Paisagem Sonora é um conceito que caracteriza o estudo e análise do universo sonoro que nos rodeia. Uma paisagem sonora é composta pelos diferentes sons que compõe um determinado ambiente, sejam esses sons de origem natural, humana, industrial ou tecnológica.

Segundo Rafael Souza Silva, “podem ser exemplos de paisagem sonora uma composição musical, a trilha sonora de um filme, um programa radiofônico, um ambiente acústico, ainda que composto de silêncio” (SILVA, 2005).

A origem do conceito foi definida através do grupo de trabalho dirigido por Murray Schafer, que em conjunto com outros investigadores, como Barry Truax e Hildegard Westerkamp fundou o World Forum for Acoustic Ecology, assim como mais tarde o World Soundscape Project. Estes grupos foram responsáveis pela publicação de alguns dos documentos mais relevantes relativos ao estudo de Paisagens Sonoras e Ecologia Acústica.

Portanto, a paisagem sonora mexe com nossa imaginação, podendo nos transportar para determinado local, em determinada época. Tornando-nos, por vezes, parte da situação que o áudio nos transmite.

4.5 Identidades culturais

⁶ LOPES, Débora Cristina. *Radiojornalismo hipermediático: tendência e perspectivas do jornalismo de rádio all new brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*. 2010, p. 40.

A maneira como as pessoas se comportam e se sentem pertencentes algum grupo é definido por Stuart Hall como Identidade Cultural. Dentro desse estudo, podemos definir a Rua XV de Novembro como uma local com identidades que se cruzam. As pessoas que por lá passam tem, de alguma forma, características que se assemelham.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis⁷

O calçadão, suas sonoridades e seus personagens compõe essa identidade cultural do "ser curitibano", e as figuras típicas da cidade, como Plá, a Borboleta 13, o Leão Brasil, o Oil Man, o Homem Estátua, dentre outras personalidade que ajudam a construir a imagem de Curitiba e fazem com que as pessoas compartilhem aquele espaço e se identifiquem com a cidade através daquelas figuras icônicas. Como afirma Evandro Prestes Guerreiro em seu livro *Cidade digital: Infoinclusão social e tecnologia em rede*, "A identidade cultural remete às tradições sócio-históricas de desenvolvimento local, em termos de crenças e valores expressos pela comunidade, a partir das origens da cidade em si". (GUERREIRO, 2006).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O radiodocumentário *Calçadão Sonoro* tem influências etnográficas, pois a produção envolveu uma pequena observação participante capaz de decifrar ao longo do processo, que durou cerca de quarenta e cinco dias. Segundo afirmam "A etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa" (ECKERT; DA ROCHA, 2001).

Neste processo de observação, a equipe alterou a estratégia em diversas ocasiões durante o período de captação dos áudios. Como a ideia original do projeto era a de que o ouvinte sentisse a sensação de caminhar pelo calçadão ao escutar o resultado do documentário, a primeira estratégia era a de captar os sons do ambiente conforme o trajeto do calçadão.

Com dois dias de trabalho de campo, o grupo percebeu que para contemplar todos os elementos característicos da Rua XV não bastaria somente captar os sons conforme a caminhada no local. Para compilar a maior parte de sons possíveis de um local com uma extensa fauna de sons característicos foi preciso pré-selecionar os sons mais relevantes, mudando a estratégia do passeio para a captação direcionada.

As visitas aos locais ocorriam em diferentes horários, para que diferentes tipos de sons pudessem ser registrados da melhor forma. Era imprescindível registrar os sons durante o horário do almoço, pois tradicionalmente, muitos locutores de restaurantes de preços populares divulgam os estabelecimentos neste horário. No entanto, se a estratégia

⁷ HALL, Stuart (1992) *A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro

era recolher sons mais peculiares como o diálogo de pessoas que transitam pelo local, o horário mais propício era antes das onze horas.

Encerrada a fase de produção, a equipe se dividiu para a decupagem, onde os elementos mais interessantes dos áudios nomeavam os arquivos. Ao todo, o material que seria utilizado estava espalhado nos oitenta e sete arquivos de áudio, de três *smartphones* diferentes. Iniciou-se, portanto, a fase de decupagem e renomeação dos arquivos conforme os elementos sonoros mais relevantes em cada áudio.

5.1 Roteiro final e edição

Com o mapeamento do material de trabalho disponível, a equipe precisou elaborar o roteiro de edição. Notou-se que existiam três grandes grupos de tipos de sonoras recolhidas.

a) **sonoras de elementos e personagens característicos do calçadão:** estes sons foram imprescindíveis para que o ouvinte que conhece o espaço pudesse reconhecer as vozes e sons presentes, como o semáforo com sinal sonoro para cegos entre as ruas que cortam o calçadão, a senhora conhecida em Curitiba como “Borboleta 13”, os locutores que anunciam os restaurantes no horário do almoço, comerciantes de rua e anunciantes de diversos ramos e artistas de rua. Optamos por organizá-los nos primeiros minutos do documentário, para que o ouvinte pudesse identificar o tema de imediato.

b) **sonoras de pessoas que transitam e conversam no calçadão:** estes sons foram os mais difíceis de se captar, pois era necessária direcionar o celular em uma altura capaz de capturar fragmentos do diálogo das pessoas que transitam pela Rua XV de Novembro para fazer compras, ir ao trabalho ou tomar um café. Como estes personagens não poderiam ser reconhecidos imediatamente pelos ouvintes, optamos por aloca-los na transição entre os sons característicos do calçadão e os depoimentos.

c) **sonoras com depoimentos relevantes:** embora o foco do documentário fosse desde o início registrar a paisagem sonora do espaço, havia a preocupação de entrevistar personagens e pessoas que participam do cotidiano da Rua XV. Para a captação destes registros, houve a dificuldade de conseguir pessoas dispostas a depor de maneira espontânea. Além dos vários “nãos”, a equipe pode registrar os depoimentos de Lucas, um jovem músico que costuma tocar violão com seu colega Matheus nos banquinhos da Rua XV, e de Mouthi Ibrahim, imigrante árabe que frequenta a Boca Maldita há anos e integra a confraria *Cavalheiros da Boca*.

6 CONSIDERAÇÕES

A escolha do tema do radiodocumentário Calçadão Sonoro se justifica pela vasta quantidade de sons percebidos produzidos pela fauna de culturas existente nos arredores do caladão da Rua XV de Novembro, um espaço indubitavelmente importante para a formação da identidade cultural da cidade de Curitiba.

A proposta segue a linha do projeto de World Soundscape Project, de Murray Schaffer, cujo intuito é aguçar a percepção do ouvinte que é desafiado a trabalhar com o imaginário durante a reprodução do produto. O grupo utilizou estratégias de etnografia para a captura da paisagem sonora do espaço.

Ao mesmo tempo em que desafia o ouvinte a experimentar suas percepções, o documentário é também informativo, o que pode se perceber através dos depoimentos

selecionados que conta um pouco da história do espaço e expressam os sentimentos que contemplam as particularidades do calçadão de *petit pavé*.

O resultado final superou positivamente as expectativas do grupo desde que a ideia surgiu. Conforme a produção foi se desenvolvendo, surgiram novas necessidades e estratégias de captação de som. Durante a fase de registro das sonoras, o grupo percebeu algumas dificuldades, como captar o som com qualidade direcionando o celular de modo que não intimidasse e inibisse a naturalidade das pessoas e gravar o som dos pedestres anônimos em movimento sem invadir a privacidade destes. Em contrapartida, um pouco de sorte contribuiu com a edição, os depoimentos dos entrevistados tinham relação direta com sonoras que o grupo já tinha capturado.

Através da experimentação, podemos destacar a eficácia e importância do formato do radiodocumentário – formato pouco utilizado no Brasil e que perde cada vez mais espaço para as produções multimidiáticas - para o jornalismo, uma vez que o resultado só foi possível graças a existência deste gênero.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. 1994, p. 328

ECKERT, Cornélia; DA ROCHA, Ana Luiza de Carvalho. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. 2001, p. 3

GUERREIRO, Evandro Prestes. Cidade Digital – Infoinclusão Social e Tecnologia. SENAC, São Paulo, 2006, p. 47

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006

JOSÉ, Carmem Lúcia. História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências. 2003. P. 7

LOPES, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all new brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2010 P. 40

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 2008, p. 20

PINTO, Ruy Cavallin. Disponível em:

<http://www.memorial.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=38> Último acesso: 27/04/2015

SCHAFER, Murray. Lê paysage sonore. Paris: J. C. Lattès, 1979.

SILVA, Rafael Souza. Discursos simbólicos da mídia. Edições Loyola, São Paulo, 2005. P. 99